

5ª PARTE

DISCURSOS

Junto à Lareira Invisível²³

Linhares Filho

Fui de novo tocado pela Poesia e não lhe resisti ao impulso. “A poesia caiu de novo em mim, como um raio”, diria Augusto Frederico Schmidt. E não me furto a atribuir à misericordiosa Providência de Deus a origem do ato de criar, que move o meu psiquismo e permite-me o deleite de festa como a presente, em que os criadores costumamos iludir-nos ante a Arte, que nos evade e alegra, fazendo-nos suportar o peso da existência. Oportuno lembrar o verso de Fernando Pessoa: “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.”

A ideia do fogo que não destrói, mas fecunda e aquece, encontra-se implícito no título do meu livro: *Junto à Lareira Invisível*. Aí está o alegórico resolvendo o fantástico segundo a concepção de Tzvetan Todorov. E, enquanto o corpo vai sendo consumido aos poucos pela implacabilidade dos anos, o fogo da inspiração, que vem do Alto, e é representado pelo da lareira invisível, retempera o espírito. Afinal, se “a carne é fraca, o espírito é forte”, como nos ensina a Palavra bíblica.

E, no clima de inverno refletido pela capa do livro, postam-se as cadeiras do companheirismo conjugal, do embalo, do “prazer do texto”, da contemplação e do descanso da aposentadoria, mas que também me ensinam e revigoram, portanto trazem a ação da produtividade, daí haver-me referido, no poema “Antessupremo Canto ou Prematuro Testamento”, de *Voz das Coisas*, aos “sábios e velhos sons /da cadeira de balanço/em seu ranger de vigília/ no esconso da noite muda”, aludindo à herança espiritual, a ser deixada às minhas filhas.

A sugestão, que as cadeiras trazem, da lareira invisível e a presença da mesa apoiando um livro e uma caneta falam de leitura e produção de texto, que se envolvem com a contemplação e a ação que, por sua vez, preenchem o tempo de inverno. É esse o quadro que está antecipado pelo meu poema “Cadeira de Balanço”, de *Rebus-*

23. Palavras proferidas no Ideal Clube, a 23/04/2013, quando do lançamento do livro sob esse título.

cas e Reencontros, texto que me liga à tradição do embalo dos meus mortos, à expectativa do fim da existência, à consciência do dever da solidariedade humana e à ideia, muito recorrente em mim, da viagem marítima numa transcendência de “imagem visionária”:

Nesta cadeira de braço
em que sentaram meus mortos,
senta agora o meu cansaço,
e eles foram a outros portos.

Esta cadeira de embalos
mexe, à penumbra, com dó?
Meus mortos... o relembra-los
parece erguê-los do pó.

Na cadeira de balanço,
erigiram-se castelos.
Quer aos mortos meu descanso
unir-me com fortes elos.

No balanço em que me embalo
como de um rio em canoa,
passo as horas com regalo,
e em ondas o tempo voa.

Dá-me a cadeira a ilusão
de ir numa grande corrida.
Com o ritmo do coração,
o embalo é força da vida.

No ritmo desta cadeira
voa o tempo para um mar,
em cuja onda ligeira
e azul sigo, a navegar.

Meu cachimbo de marujo
vou fumando ao fresco vento.
Pelo embalo à terra fujo,
fixo o olhar no barlavento.

Passo horas meditando
para cá e para lá,
e procuro saber quando
em Deus meu ser estará.

Minha cadeira, paremos,
já é tempo de aportar.
Deixo o ócio, deixo os remos,
para o irmão mais ajudar.

Algumas ideias desse poema repetem-se no presente livro. Registre-se particularmente que as atitudes de contemplação e ação focalizadas nesse texto coincidem com a mensagem de vários poemas do livro ora lançado, afinam-se com a recomendação cristã, católica, que identifica o discípulo e o missionário, e articulam-se com o que propõe o poeta romano Horácio para o ato poético: o *docere* e o *delectare*, o ensinar e o deleitar.

Quero justificar minhas homenagens em metapoemas a Castro Alves, Olavo Bilac e Cruz e Sousa pela concepção de que as escolas literárias em que esses poetas, a meu ver, foram respectivamente expo-

entes, o Romantismo, o Parnasianismo (ou atitude realista na poesia) e o Simbolismo, ofereceram estilisticamente ao Modernismo, considerado este numa ampla compreensão, o seu respectivo e predominante contributo de elementos afetivos, conceituais e sensoriais ou imaginativos segundo o entendimento de Dámaso Alonso e Carlos Bousoño.

Tenho atentado, no meu ato poético, de predominância apolínea, isto é, de consciência no poetar, para o emprego desses elementos bem como para as categorias apresentadas por Ezra Pound, avaliadoras do poético: a melopeia (a sonorização) a fanopeia (a imagística) e a logopeia (o ideário). Tenho atentado para “o autêntico real absoluto”, de Novalis, que é a expressão da suprarrealidade, essa medida entre a sinceridade e o fingimento; busco exprimir o homem integral, que se compõe do físico, do fisiológico, do psicológico e do social e, principalmente, procuro estabelecer, no ato de criar, a tensão entre o ôntico (relativo ao ser individual) e o ontológico (relativo ao Ser coletivo), empenhando-me na busca desse mesmo Ser. Sei, porém, que toda a teoria cai por terra diante da intuição poética, que nem sempre nos visita, aquela *faculté maîtresse* (faculdade mestra) a que se rendia o determinismo tainiano, e que pode ser avaliada, de modo empírico, privilegiando o emotivo, por aquele simples e profundo arrepio, a que se referia o nosso Jáder de Carvalho, para detectar a autenticidade do poema, esta entidade que abriga a Poesia.

Por outro lado, o convencimento, apanágio da razão, chega até a legitimar o denotativo da poesia intelectual de um João Cabral pelo inusitado que faz dela uma conotação criativa. Pois acima do belo, do elevado, do comovente exsurge o criativo para identificar o poético. A própria doutrina teológica que consagra a santidade e o amor, concebe-os antes como disposições de convencimento racional do que como atitudes emotivas.

No entanto, muitas vezes a emoção comanda a razão, a ponto de levar o santo até ao êxtase, submetendo-se o racional ao deleite emotivo. Vem a pêlo falar da impressão que me causaram os momentos vividos na Terra Santa, impelindo-me a registrá-los em poemas.

Não que o encontro com a presença espiritual de Cristo ali seja superior à intimidade da Eucaristia, mas o sentimento de pisar a terra pisada por Jesus é algo muito especial para a sensibilidade de um poeta cristão, de tal modo que se assemelha ao ardor do coração, que os discípulos de Emaús sentiram, ao ouvir o Mestre discorrer sobre as Escrituras ao longo do caminho.

O rescaldo da lareira deu-me momentos metafísicos, religiosos, memorialistas, metapoéticos, cívico-telúricos, lírico-comunitários, sociais e amorosos. Particularmente desejo salientar esse último aspecto, porque é a harmonia nesse campo, compreendendo o amor Eros, *philia* e ágape e dedicado a uma mulher chamada Mariazinha, que me motiva para o viver e o ato poético, essa que é Musa e Mar, a Mãe de minhas filhas, que a mim se doa e a quem constantemente busco há 47 anos.

Minha filha Mônica recentemente nos visitou, vinda de Goiânia, onde mora, para, mais proximamente, apoiar-me, em espírito, nesta noite. Minha filha Ceiza veio com meu genro Jefferson juntar-se a mim com o seu carinho, trazendo de São Paulo, onde moram, os ilustres amigos Dr. Vanor Wagner Resende e sua esposa, Profa. Cida Resende, todos os quatro do Encontro de Casais com Cristo da Paróquia de São Luís Gonzaga, que eu e minha mulher frequentamos, quando aportamos por lá. Minhas filhas Catarina e Isabel com os meus genros André Luís e Hodney, que aqui residem, estão sempre presentes com o seu afeto e assistência.

Agradeço a minha neta Camila pelo devotamento da digitação dos textos ora lançados.

Agradeço ao Ideal Clube na pessoa do seu Diretor de Cultura, poeta e médico José Telles, pela acolhida amiga deste lançamento nas dependências do importante clube.

Homenageio a Expressão Gráfica Editora na pessoa do editor, Dr. Mauro Gurgel, pela competência, o profissionalismo e a pontualidade na confecção física do meu livro.

Confesso-me grato aos que ilustram com autoridade crítica a quarta capa e as orelhas do volume: Pedro Paulo Montenegro, Sânzio

de Azevedo, Aíla Sampaio, Nilto Maciel, Giselda Medeiros, João Teófilo Pierre, Dias da Silva, Pe. Neri Feitosa e as duas profundas saudades, Francisco Carvalho e José Alves Fernandes.

Gratíssimo sou ao poeta Horácio Dídimo pela bênção do seu soneto e ao poeta Alves de Aquino pela engenhosa décima.

Penhorado sou a Valdiânio Macedo pela criativa capa do livro, pela qual vem, com as de alguns livros anteriores, juntar-se à competente galeria dos meus capistas: Alberon, Geraldo Jesuíno da Costa e Heron Cruz.

Agradeço a todos vocês que vieram trazer-me o apoio do seu abraço amigo.

Confiei à colega Vera Lúcia Albuquerque de Moraes a apresentação do livro pela sua sensibilidade crítica, a sua competência como professora e pesquisadora, com numerosos trabalhos de ensaio e criação publicados, pela sua amizade e grande caráter. Prefaciei seu belo livro *À Flor da Pele*, em que se revelou excelente poetisa. E agora é a minha amiga que, com generosas palavras, me brinda com sua apresentação magnífica, à altura de sua verve artística e de sua capacidade magisterial. Profa. Dra. Vera Lúcia, obrigado pelo seu trabalho, que certamente se constituirá numa referência importante e obrigatória à minha obra.

Meus amigos, estamos em festa, celebrando os meus 45 anos de consagração à Poesia. Agradeço a Deus por essa dádiva. E anseio por que minha mensagem os convença, mas muito mais que isso lhes dê arrepios de deleite, falando-lhes à emoção e, à maneira de Bartolomeu, descrito por José Saramago no *Memorial do Convento*, sintam-se da "mesma carne e do mesmo sangue" daquela ave. Segundo o autor português, o padre voador, contemplando uma gaivota, "arreprou-se como se estivesse sentindo que lhe nasciam penas nas costas." E sabe-se que do visionarismo de Bartolomeu a humanidade chegou à conquista do ar e do espaço. Portanto, sem deixar de, na medida certa, preocupar-nos com os graves problemas do País e do mundo, também assunto do poético, voemos todos com as asas da transcendência da Poesia!